

ca se cansarão de colaborar pelo engrandecimento e prosperidade de nosso querido Grêmio.

— o —

Estamos juntos e Jesus permanece conosco.

Nesta convicção de fraternidade e fé vivificante que mal poderemos temer?

— o —

Entrelacemos nossos braços e corações, confiantes no Mestre, em nós mesmos e avançemos, robustos na esperança, diligentes na ação e edificados no dever bem cumprido.

— o —

A consciência reta é o nosso templo sublime.

— o —

Aí dentro, neste templo vivo de nossa experiência no eterno caminho, aprendamos a amar-nos, sinceramente, uns aos outros e o Senhor nos abençoará para sempre.

E recebereis, com a tolerância e a bondade que vos caracterizam, um abraço fraternal do humilde servidor reconhecido.

Claudino Dias

SEMENTEIRA

ABRE-SE a floresta até então intransitável e densa.

— o —

Definem-se dificuldades, pântanos, espinheiros...

— o —

O semeador, porém, não se confia ao desânimo.

— o —

Traça planos.
Ataca o serviço.
Realiza o milagre.

— o —

De início, é o desbravar.
Em seguida, surgem os imperativos de

preparação do solo e de seleção dos recursos.

— o —

A cova minúscula e escura recebe a semente pequenina, que perde os envoltórios com a colaboração do tempo.

— o —

Só então, é possível a promessa do grelo tenro.

Todavia, não param aí os desvelos e as vigílias do semeador.

— o —

Hoje, é necessário proteger a plantinha frágil contra o esmagamento; amanhã, é imprescindível furtá-la ao assédio dos vermes destruidores.

Agora, pede a lavoura iniciante adequada medida contra a canícula rigorosa; depois, reclama providências que a salvem do aguaceiro.

— o —

A fronde, a flor e o fruto representam, no entanto, o precioso prêmio.

— o —

Assim também, é a sementeira espiritual.

— o —

Nas profundezas da mente inulta caem

os princípios da Divina Sabedoria.

— o —

Ninguém exija, contudo, o resultado absoluto num instante.

— o —

Quantos séculos teremos dispendido, na formação da selva de nossos instintos e de nossos caprichos obscuros?

— o —

O serviços de adaptação e educação reclama tempo e paciência para que a colheita do conhecimento e do amor, em cada alma, enriqueça os celeiros da Terra.

— o —

Não esperemos que o nosso companheiro de experiência nos ofereça a perfeição impraticável de um momento para outro.

— o —

Se procuramos o Cristo, gravemos as lições d'Ele, em nós mesmos, antes de impô-las aos semelhantes.

— o —

Adubemos o solo dos corações com a luz do bom exemplo, com a bênção da fraterni-

dade, com a flor do estímulo e com o silêncio da compreensão.

— o —

Não firamos, onde não possamos auxiliar.

— o —

O Sol resplandece sem palavras, curando as chagas do Planeta.

— o —

A fonte rola cantando, sem acusações, colada ao dorso da Terra.

— o —

O vento fecunda a natureza, sem exigências.

— o —

Amemos sempre.

O coração que se devota à fraternidade não usa o poder do verbo para denegrir ou dilacerar.

— o —

Passemos auxiliando.

Compadecamo-nos do cardo que ainda conserva aguçados acúleos.

Compadecamo-nos das ervas envenenadas, que ainda não conseguiram modificar a própria seiva.

Compadecamo-nos das árvores infelizes, cujos galhos ressecaram pela pobreza do ambiente em que nasceram.

— o —

A senda é longa.

A romagem solicita o esforço das horas incessantes.

Sigamos improvisando o bem, por onde passarmos.

— o —

Guarde a nossa luta a sublime experiência do semeador.

— o —

Compreendamos o cipoal, auxiliemos o chão duro do destino e aproveitemos a lama da estrada para o bem geral, projetando na terra das almas as sementes benditas que o Mestre nos confiou.

E, esperemos o tempo, de vez que o tempo é o patrimônio da Divina bondade que na esteira dos dias, dos anos e dos séculos, nos oferecerá sempre à colheita de nossa vida, segundo as nossas próprias obras.